

## **CONSTRUINDO O ESPAÇO (E O) FEMININO: O DISCURSO MISÓGINO DOS PADRES DA IGREJA E AS MULHERES NA IDADE MÉDIA**

Prof.<sup>a</sup> Ms. Valéria Fernandes da Silva – PPG-UNB

*“Imediatamente após completarem quatorze anos, as mulheres são tratadas por ‘damas’ pelos homens. E assim, ao verem que nada lhes resta senão serem parceiras do leito dos homens, começam a se embelezar e nisso depositam todas as suas esperanças.”<sup>1</sup>*

O fragmento acima é de autoria de um escritor romano pagão do século II que se dispunha a apresentar o papel das mulheres na sociedade de sua época. Para o autor, às mulheres haveria um só caminho, o casamento, dentro de um modelo no qual a heterossexualidade, pelo menos a feminina, seria compulsória. Essa fala, com poucas adaptações, poderia fatalmente estar presente na mídia ou nos discursos científicos de divulgação dos dias atuais, onde as representações sociais de “mulher” de maior visibilidade apontam sempre para a adequação a certos papéis esposa, mãe, objeto do desejo masculino, etc.<sup>2</sup> “Ser mulher”, neste tipo de discurso, seria antes de tudo tornar-se objeto sexual, ver-se pelos olhos dos homens.<sup>3</sup>

Estes modelos, ou papéis de gênero,<sup>4</sup> de tão repetidos e reforçados no decorrer dos séculos terminaram por ser internalizados como naturais, perdendo sua dimensão histórica e cultural. Esta naturalização e sua aceitação indiscriminada têm marcado a historiografia Ocidental. Estruturadas sobre uma lógica binária, que liga certos comportamentos e espaços ao universo masculino ou feminino, se estabelece uma valoração na qual tudo que se liga às mulheres é menos relevante, visível até porque ligadas ao espaço privado. Neste mundo, desligado dos grandes processos sociais, políticos e econômicos, elas viviam suas vidas em função dos homens que as cercavam, não haveria então porque lhes dar espaço na História. Mais inconveniente ainda, seria a proposta das diversas linhas feministas e pós-modernistas, cuja intenção é rediscutir a própria forma de fazer história e a noção de sujeito universal, desconstruindo<sup>5</sup> os paradigmas intelectuais que nortearam o olhar dos historiadores sobre suas fontes.

Neste artigo estaremos examinando fragmentos destes discursos, produzidos pelos Padres da Igreja, no período chamado por alguns historiadores de Antigüidade Tardia,<sup>6</sup> refletindo um pouco sobre como os seus escritos serão apropriados pelos intelectuais do século XIII. Os chamados Padres da Igreja eram autoridades locais, ou mais que isso, expoentes da Igreja Cristã em ascensão, eles tiveram seus escritos colocados no mesmo patamar da Bíblia como parâmetro para o comportamento e o pensamento cristão. Agostinho, Ambrósio, Jerônimo e tantos outros escreveram com o objetivo de aconselhar e regulamentar a vida dos fiéis, homens e mulheres. Nesse processo, podemos perceber a construção da moral e da sexualidade cristãs, a criação de códigos e condutas, o estabelecimento de um espaço para feminino. Este espaço criado, espaço segregado, seria necessário para construir e consolidar a idéia de uma sexualidade indomável, naturalizada, sempre pronta a aflorar.

Mesmos nos primeiros séculos de construção da Cristandade, não se pode afirmar que os homens foram os únicos a escrever, no entanto, para muitos historiadores ainda hoje, é o discurso masculino o único passível recuperado. No artigo “Olhares dos Clérigos”, Jacques Dalarun, ao falar do século XII e XIII, inicia seu artigo com as seguintes palavras “Uma vez mais, há que partir dos homens, daqueles que, nesta idade feudal, detêm o monopólio do saber e da escrita (...)”.<sup>7</sup> Mesmo podendo arrolar outras vozes, vozes femininas, vozes indefinidas, é preciso ouvir os homens em primeiro (e único?) lugar.<sup>8</sup> Assim, reforça-se a idéia as mulheres medievais eram pouco letradas, sendo meras receptoras – dóceis ou não – das palavras masculinas.

Durante muito tempo, boa parte dos historiadores e historiadoras tiveram certeza absoluta de qual seria o lugar ocupado pelas mulheres na história da Igreja. Tomando por base o discurso dos Padres da Igreja, da Bíblia, e de tantas outras fontes lidas com olhar pré-estabelecido, produziu-se farto material historiográfico que invisibilizava a participação feminina, ou que lhe concedia um lugar subalterno desde os primórdios da Era Cristã.

A despeito do que as fontes pudessem dizer, a interpretação já estava pronta. Bem ilustrativo nesse sentido é o artigo de Pierre-Louis Gatier intitulado *Mulheres no Deserto?* .

A interrogação do título tem um sentido muito mais irônico do que propriamente investigativo, pois a conclusão já está dada no início do texto:

*No decurso da Antigüidade tardia (século IV-VII), numa sociedade mediterrânica oriental conquistada pelo cristianismo mas largamente dominada pelos homens, o lugar da mulher na Igreja mantém-se restringido. A exemplo do sacerdócio, a vida do eremita (do grego **eremos**: “vazio”, “solidão”, “deserto”) é-lhe interdita. (...)<sup>9</sup>*

Mesmo confrontado com as narrativas das vidas de mulheres ascetas, como Thais e Maria do Egito, o autor aferra-se à sua visão cristalizada do papel feminino no Cristianismo e irá afirmar que *“estas belas lendas, redigidas desde Antigüidade, muito apreciadas na Idade Média e que os romancistas modernos se comprazem em remodelar, não passam de puras ficções!”*<sup>10</sup> Para o autor as narrativas hagiográficas seriam meramente ficcionais, escritas por homens que desconheciam a vida religiosa feminina.<sup>11</sup> Ainda seguindo esse raciocínio, o monacato, a vida contemplativa por excelência, apresentar-se-ia como a única via de expressão para as mulheres dentro da Igreja.

Infelizmente, análises radicais, como a de Gatier ou mais tradicionais como a de Jacques Dalarun, ainda se apresentam como dominantes no meio historiográfico. Tais perspectivas se pautam em pressupostos de gênero. Este paradigma – da estabilidade de papéis/espacos femininos e masculinos ao longo dos séculos – é discutido e desconstruído por Judith Butler em seus trabalhos, mostrando que gênero e o sexo, assim como suas atribuições, são construtos culturais. Assim, haveria uma descontinuidade entre os corpos sexuados e os gêneros a eles culturalmente atribuídos.<sup>12</sup> Tal questão se torna evidente, por exemplo, quando tentamos perceber como, ao longo da história da Igreja, irá se construir e reconstruir um discurso sobre as mulheres que tornará possível, por exemplo, ainda em nossos dias, excluí-las do sacerdócio na maioria das Igrejas Cristãs.

Mesmo que não tivessem na sexualidade o seu único eixo, os discursos dos Padres da Igreja são absolutamente falocêntricos, anulando qualquer perspectiva que não se pautem pela reificação do masculino em detrimento do feminino. Um bom exemplo, como já citamos, está apresentação do sacerdócio como direito masculino, sendo usurpadoras,

pecadoras e, por que não, histéricas, as mulheres que pleiteiam tal função ou simplesmente ousam transpor limites ainda em construção:

*(...) de repente uma mulher (...) em estado de transe se anunciou como profetisa, e agiu como se estivesse tomada pelo Espírito Santo. (...) andava descalça no rigor do inverno sobre a neve congelada (...) [e] a muitos enganou (...) [fingindo] que, mediante uma invocação poderosa, podia santificar o pão e celebrar a Eucaristia (...) e também batizar muitas pessoas, servindo-se das palavras costumeiras e legítimas do rito.<sup>13</sup>*

O que em um homem poderia ser visto como sinal de santidade, em uma mulher poderia se tornar motivo de profunda preocupação. Importante é que por meio de Cipriano podemos perceber mulheres ocupando papéis muito diversos daqueles que, por exemplo, Gatier vai apontar como sendo os únicos possíveis.<sup>14</sup> Como nesse momento (século III) não estavam delineados ainda os limites entre a heresia e a ortodoxia,<sup>15</sup> é possível perceber uma prática religiosa plural, na qual as fronteiras entre feminino e masculino não estão bem estabelecidas.

De acordo com Elisabeth Fiorenza, as primeiras tentativas de institucionalizar o Cristianismo com a exclusão das mulheres dos cargos de autoridade, mediante medidas repressivas ou o discurso inflamado dos padres da igreja, ajudam a construir a noção de masculinidade como sinônimo de perfeição. Só que, ao mesmo tempo, as mulheres reagem criando alternativas e estratégias que lhes possibilitem continuar participando ativamente das Igrejas Cristãs.<sup>16</sup>

De fato, nem as epístolas paulinas,<sup>17</sup> nem os Padres da Igreja vão poder calar ou restringir a espiritualidade “desordenada” das mulheres. Isso tanto é correto que ainda no século XIII o papado vai emitir decretais proibindo as mulheres de ministrarem os sacramentos, pregarem ou exercerem o sacerdócio.<sup>18</sup> Além disso, se irá promover forte perseguição aos grupos religiosos femininos que não se adequassem àquilo que a ortodoxia, representada pelo discurso da Igreja Romana, esperava delas. O caso mais conhecido de perseguição nesse sentido, foi o das beguinhas,<sup>19</sup> mas poderíamos arrolar também aqui a construção da imagem da bruxa.<sup>20</sup>

Um dos argumentos de peso no discurso medieval contra as mulheres era seu caráter “naturalmente” volúvel e coube aos Padres da Igreja isto poderia se expressar em uma sexualidade desmedida. Tão forte será essa noção que muito da disciplina cristã, marcada por jejuns, flagelações, longas vigílias e orações, terá como único objetivo dominar uma sexualidade voraz. Comer em excesso, consumir determinados alimentos, tudo contribuía para que o cristão de deixasse contaminar por maus pensamentos e sucumbisse:

*“Da gula provém a alegria inoportuna, a obscenidade, a frivolidade, a vaidade, as imundícies do corpo, a instabilidade mental, o desejo sexual (...) Da luxúria, a cegueira do espírito, a leviandade, a incoerência.”<sup>21</sup>*

Outra via de controle da sexualidade é a preocupação com as sociabilidades entre os sexos presentes nos primórdios da Igreja Cristã. É pensando na castidade que Tertuliano defenderá o uso do véu por parte das mulheres na Igreja, pois lá elas estariam em contato – quase promíscuo – com os homens.<sup>22</sup>

Não há uma unanimidade em culpabilizar as mulheres pela luxúria, vários Padres da Igreja defendem, por exemplo, a virgindade, tanto para homens quanto para mulheres. Entretanto, como seres tutelados, as mulheres são vistas também como vítimas em potencial a serem protegidas. Como em muitos casos, as mulheres deveriam ser maioria nas comunidades cristãs, elas atendem em massa ao chamado, estimuladas tanto por pregações quanto por literaturas que circulavam na época. Um bom exemplo é o Proto-Evangelho de Tiago, texto apócrifo, falando da infância da Virgem Maria:

*“Ela era pura de corpo e alma, nunca pôs o rosto fora da porta do Templo, nunca olhou para um homem estranho, e nunca se entusiasmou ao olhar para um rosto de um rapaz. Seus trajes eram delicados. (...) o véu lhe caía sobre os olhos (...) Ela nunca ansiava por grandes quantidades de alimento, nem tão pouco circulava pelo mercado da cidade.”<sup>23</sup>*

Enfatiza-se a clausura, e efetivamente muitas virgens consagradas no final da Antigüidade viviam reclusas em suas próprias casas,<sup>24</sup> vestir-se de maneira modesta, sendo que o véu já começa a aparecer como símbolo de recato; e jejuar. Os ideais de ascese, em especial o jejum, irão produzir, principalmente na Baixa Idade Média, uma série de santas ditas anoréxicas. Importante ressaltar que os altos padrões espirituais a serem alcançados

pelas mulheres são estabelecidos pelos homens e funcionam como uma forma eficaz de controle dos corpos femininos.

Este discurso, na época Patrística, produziu legiões de virgens, viúvas e mesmo mulheres casadas que desejavam viver em castidade e penitência. Essas mulheres consagradas, passam a serem vistas como símbolo de status pelas famílias.<sup>25</sup>

Tal situação, entretanto pode gerar vários problemas, um deles, apontado por Basílio de Cesaréia, seria o das famílias que para não dividir heranças ou pagar dotes, consagravam meninas ainda muito pequenas, sem que estas pudessem escolher.<sup>26</sup> Outro problema, era a crescente independência das celibatárias e o poder que estas passavam a exercer dentro das Igrejas. Com acesso ao diaconato e em alguns lugares certamente pleiteando o sacerdócio, crescem os discursos que culpabilizavam Eva e suas filhas pelos pecados da humanidade e as apresentam como instrumentos preferenciais do diabo.

*“O diabo, miserável, dispunha-se a transformar-se, de noite, em mulher e a imitá-la em todas as maneiras para seduzir Antônio. Mas este, pensando em Cristo e tendo presentes, graças a ele a nobreza e o caráter racional da alma, extinguiu as brasas da paixão e da sedução.”<sup>27</sup>*

Aqueles que se tornam ascetas são exaltados. Mas nas vidas dos grandes “padres do deserto” começa a ser estabelecida a aproximação entre o corpo feminino e o demônio. Este discurso é de tal forma repetido e resgatado com novas roupagens que a ginofobia está presente ainda hoje no pensamento Ocidental, assim como a difusão da idéia de que o corpo feminino seria um corpo naturalmente doente e mais fraco.<sup>28</sup>

Como a sexualidade construída nos textos Patrísticos é tida como incontrolável, seu cerceamento acaba se tornando e eixo central da vida do cristão. Assim, os homens deveriam se manter afastados das mulheres para seu próprio benefício.<sup>29</sup>

Em contrapartida, ainda nos séculos de afirmação do Cristianismo no mundo mediterrâneo, começa a se estabelecer uma distorção perversa que atinge em cheio às mulheres: o discurso de legitimação da prostituição como um mal necessário. O próprio Agostinho, autoridade incontestada, irá produzir a máxima que definirá o lugar da prostituição na Cristandade: *“Retirai as prostitutas ao gênero humano e tudo será subvertido pela paixão*

*da luxúria*.<sup>30</sup> Este tipo de discurso será retomado no século XIII,<sup>31</sup> por pregadores e legisladores, ajudando a criar as condições necessárias para a regulamentação da atividade, com a tentativa de segregação das prostitutas a espaços pré-estabelecidos.

Importante ressaltar que no mesmo período haverá o retorno à ênfase na clausura que será imposto às freiras com a criação de regras de vida cada vez mais severas. Ao mesmo tempo, os mesmos pregadores, em geral mendicantes, irão tentar restringir as mulheres leigas ao espaço privado,<sup>32</sup> sempre se pautando em discursos consagrados da Bíblia e da Patrística se buscará um controle cada vez maior sobre os corpos femininos.<sup>33</sup>

O discurso dos Padres da Igreja vai então separar as mulheres entre as que se entregam ao pecado e àquelas, que sob a tutela masculina. Entretanto, o risco da queda é permanente, pois sua natureza é defeituosa, conforme a idéia Aristotélica do *homem gorado*.<sup>34</sup> Tendo suas vidas definidas a partir do olhar masculino, as mulheres são construídas como sujeitos relacionais, já os homens têm o seu significado garantido pela estrutura androcêntrica sociedade da época, representando o parâmetro de ser humano, os sujeitos de fato.

Sem defender a permanência de discursos, afirmo que estes são retomados, relidos, comentados, ressemantizados, principalmente quando são revestidos de alguma forma de autoridade.<sup>35</sup> No caso dos escritos Padres da Igreja, eles continuam circulando ainda hoje. Sendo que o caráter misógino de seus textos serve de base sempre que se deseja cercar os direitos das mulheres em relação aos seus próprios corpos, para garantir a manutenção da sua desigualdade política dentro das Instituições religiosas, ou para reforçar representações sociais que associam o feminino ao mal, à doença e ao desvio.

---

<sup>1</sup> Epíteto, *Enchiridion* 40.

<sup>2</sup> Como representações sociais compreendemos os filtros que nos permitem interagir socialmente, idéias mestras que norteiam nossas atitudes, reações, ações, etc. JODELET, Denise. *Representações Sociais: Um Domínio em Expansão*. In \_\_\_\_ (org.) **Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, p. 17-44.

<sup>3</sup> LAURETIS, Teresa. *Eccentric Subjects: Feminist Theory and Historical Consciousness*. **Feminist Studies**, *Feminist Studies*, 1990, 16, p.119.

<sup>4</sup> Compreendo gênero como uma categoria relacional, que não necessariamente se resume ao binário masculino feminino, mas pode se manifestar em um espectro muito amplo de vivências. Entretanto, ao utilizarmos papéis de gênero em nosso artigo, estamos centrando a reflexão no binômio masculino/feminino, por isso mesmo, convém lembrar que mesmo que relacional, a nossa cultura, assim como aquela que norteava o discurso da Patrística, é hierarquizante valorando o masculino como superior e mais importante que o feminino.

<sup>5</sup> Desconstrução é “o trabalho necessário de reflexão que possibilita uma desfamiliarização de construções conceituais que se transformam em crenças e, enquanto tais, colocam-se como grandes obstáculos para que outras possam ser construídas”. SPINK, Mary Jane. **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano – Aproximações Teóricas e Metodológicas**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000, p. 27.

<sup>6</sup> BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade – O Homem, a mulher e a renúncia sexual no início do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990, p.7-13

<sup>7</sup> DALARUN, Jacques. Olhares dos Clérigos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle, org. *História das Mulheres A Idade Média*. Porto: Afrontamento, 1990, vol 2, p. 29.

<sup>8</sup> PETROFF, Elizabeth Alvilda, ed. *Medieval Women Visionary Literature*. New York: Oxford, 1986.

<sup>9</sup> GATIER, Pierre-Louis. Mulheres no deserto? In: BERLIOZ, Jacques. **Monges e Religiosos na Idade Média**. Lisboa: Terramar, 1994, p.169.

<sup>10</sup> GATIER, Pierre-Louis. op. cit., p.173.

<sup>11</sup> A idéia de que “o que a história não diz não existiu” permeia o raciocínio de historiadores como Gatier. A impossibilidade de deixar que as fontes falem é absoluta, pois por princípio as conclusões já estão dadas. O tipo de história feita por esse autor é o mesmo que descarta a existência das amazonas como fruto do folclore ou do fetiche dos gregos, e considera todos os outros eventos descritos na mesma fonte como passíveis de confiança. Ver: NAVARRO-SWAIN, Tânia. **O que é Lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

<sup>12</sup> BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero – Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 24.

<sup>13</sup> Cipriano, carta 75.10.

<sup>14</sup> GATIER, Pierre-Louis. op. cit., p. 172.

<sup>15</sup> RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, Desvio e Danação – As minorias na Idade Média**. Rio Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 53-81.

<sup>16</sup> FIORENZA, Elisabeth. O Papel da Mulher no Movimento Cristão Primitivo. **Concilium**, Petrópolis: Vozes, 1976, 111, p. 15-17.

<sup>17</sup> São consideradas paulinas algumas das epístolas do Novo Testamento. Dentre os textos considerados como acréscimos posteriores, ou compilações de ensinamentos atribuídos ao apóstolo Paulo, consta um dos textos basilares em relação à proibição do sacerdócio feminino.

<sup>18</sup> RAMING, Ida. A Posição de Inferioridade da Mulher Segundo o Direito Canônico Vigente. **Concilium**, Petrópolis: Vozes, 1976, 111, p. 54-55.

<sup>19</sup> As beguinias eram mulheres leigas que organizaram comunidades religiosas principalmente no Norte da Europa. PETROFF, Elizabeth Alvilda, op. Cit., p. 171-178.

<sup>20</sup> RICHARDS, Jeffrey. op. cit., p. 83-84

<sup>21</sup> Teodoro da Cantuária, *Poenitentiale*, c. 941.

<sup>22</sup> “Ali ela é toda acariciada pelos olhares errantes de completos estranhos, apalpada pelos dedos daqueles que a apontam e, favorita de todos nós, anima-se com isso entre abraços e beijos zelosos.” Tertuliano, de *Virginibus Zelandi*.

<sup>23</sup> Fragmento do Protoevangelho de Tiago. Este texto considerado apócrifo é uma das fontes sobre a infância de Maria. Tendo sido produzido no século II, tornou-se muito popular no século IV. Este tipo de texto alimentava muito a imaginação, tanto dos clérigos quanto dos leigos, na Idade Média.

<sup>24</sup> BROWN, Peter. op. cit., p. 218-237.

<sup>25</sup> “Em todos os lares cristãos é necessário que haja uma virgem, pois a salvação da casa inteira está nessa virgem. E quando a ira recair sobre a cidade, não recairá sobre a casa onde houver uma virgem. Eis porque todos os moradores das casas ilustres desejam que esse nome imaculado possa permanecer com ele em seus lares.” Cânone de Atanásio 98.

<sup>26</sup> “Os pais, irmãos e outros parentes entregam muitas meninas antes da idade adequada, não porque tenham um anseio íntimo de continência, mas para que seus parentes possam extrair disso alguma vantagem material.” Basílio de Cesaréia, Carta 119.18.

<sup>27</sup> Atanásio, *Vida de Santo Antônio*.

<sup>28</sup> GATENS, Moira. Power, Bodies and Difference. In BARRET, M., PHILLIPS, A. (eds.) **Destabilising Theory**. Cambridge: polity Press, 1992, p. 228.

<sup>29</sup> “É melhor aproximar-se de um fogo ardente do que de uma mulher jovem. Por causa da mulher, muitos homens estão mortos. Porque com o hábito vem a teimosia, do mesmo modo da mulher deriva a infelicidade do homem.” Jacques de Vitry, *Sermones in Epistolas et Evangelia Dominicalia*.

<sup>30</sup> Agostinho de Hipona, *De Ordine*.

<sup>31</sup> *Para evitar uma luxúria pior, é necessário que a Igreja tolere as prostitutas e seus clientes. Assim como Moisés, mal se apercebe que seu povo era levado a matar as mulheres [infieis], permite o repúdio (...), do mesmo modo a Igreja permite, isto é tolera, a existência de prostitutas e dos seus clientes para que não se difunda a paixão sexual mais grave.* Thomas Chobhan, *Suma Confessorum*.

<sup>32</sup> CASAGRANDE, Carla. A mulher sob Custódia. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle, op. cit., p. 99-141.

<sup>33</sup> *O sexo feminino, sobre cuja proteção escrevemos aqui, possui quatro grandes inimigos: dois deles encontram-se nele mesmo, a saber, a concupiscência da carne e a curiosidade própria das mulheres; dois deles vêm de fora, o desenfreado prazer dos homens e a insaciável cobiça do demônio para fazer mal. Acrescente-se que, diferentemente do homem, a mulher pode perder sua virgindade pela violência.* Idung Von Prüfening, século XII.

<sup>34</sup> BROWN, Peter. op. cit., p. 19-20.

<sup>35</sup> FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996, p. 21-36.